

PARA QUE TODA LEI NÃO SEJA APENAS ARTIFÍCIO DA RAZÃO HUMANA

A *Carta sobre o humanismo* (1946) de Martin Heidegger pode ser considerada sob vários aspectos como, por exemplo, sendo “o ensaio que inaugura a consciência contemporânea da crise do Humanismo associada à derrocada da Metafísica”¹ ou, ainda, como um marco para a instauração de uma reflexão ética conduzida pelo “outro pensar”, pois “estamos longe de pensar, com suficiente radicalidade a essência do agir”². Isto significa dizer que, segundo o próprio autor, somente a partir do desdobramento do ser até a plenitude da sua essência é que poderá o homem formular uma Ética ou apreendê-la no sentido pleno do termo, a que diz-nos a Carta, “deve dedicar-se todo o cuidado à possibilidade de criar uma ética de caráter obrigatório, uma vez que o homem da técnica, entregue aos meios da comunicação de massa, somente pode ser levado a uma estabilidade segura, através de um recolhimento e ordenação do seu planejar e agir como um todo, correspondente a técnica”³. Portanto, duas questões fundamentais para o pensamento heideggeriano se apresentam: em primeiro lugar, Heidegger afirma

¹ Gianni Vattimo., *O fim da modernidade (Nihilismo e Hermenêutica na Cultura Pós-Moderna)*. Tradução de Maria de Fátima Boavida, Revisão Científica de Luísa Costa Gomes, B: J. de Almeida Faria, Mário Jorge de Carvalho e Pedro Paixão, Lisboa: Editorial Presença, 1987.

² M. Heidegger, *Carta sobre o humanismo*. Tradução Revista de Pinharanda Gomes, Prefácio de Doutor António José Brandão, Lisboa: Guimarães Editores, 1987.

³ M. Heidegger, *Filosofia*. Publicação da Sociedade Portuguesa de Filosofia. Heidegger, Vol. III, nº 1 e Outono, 89.

que o homem ainda não pensou com suficiente radicalidade a essência do agir. Isto implica em afirmar a fundamentalidade da linguagem, temática preponderante no pensamento do segundo Heidegger. Este afirma na obra já citada que a “essência do agir é o consumir”. Consumar significa “desdobrar alguma coisa até a plenitude da sua essência; levá-la a plenitude, *producere*”⁴. E aquele, unicamente, que pode vir a consumir é o Ser, tendo como elemento intercomunicativo o Pensar. Dos três elementos (Ser - Pensar - Homem) floresce uma relação primordial entre o Ser e a Essência do Homem. Como falamos logo acima, o Pensar é apenas, mas essencialmente, um elemento intercomunicativo, visto que ele apenas oferece “ao Ser a relação, como aquilo que a ele próprio foi confiado pelo Ser”. Porém, este papel aparentemente secundário do Pensar, inaugura uma nova abertura para a própria sobrevivência e existência mais apropriada do Homem. “Esta oferta [da relação pelo pensar ao ser] consiste no fato de no Pensar, o Ser ter acesso a linguagem”⁵. E Heidegger conclui: “A linguagem é a casa do Ser. Nesta habitação do Ser mora o Homem. Os pensadores e os poetas são ao guardas desta habitação”. Detectamos um círculo no pensamento heideggeriano que encontra a sua abertura para ele mesmo, uma vez que “o Pensar age enquanto exerce como Pensar”⁶. oO Pensar entrega-se ao Ser ao mesmo tempo em que se transforma no seu instrumento para falar da Verdade do Ser; em segundo lugar, Heidegger afirma o homem como “Homem da Técnica”. O filósofo, neste momento do seu filosofar, afirma que a essência do Homem é pensada unicamente a partir da Questão da Verdade do Ser, porém, como o homem não ocupa o lugar central do ente, se torna premente a necessidade de uma orientação segura e de regras que possam assegurá-lo de que vive convenientemente ou de acordo com o destino. Todavia, como já foi dito acima, deve dedicar-se todo o cuidado na elaboração de uma Ética, dado que o homem que aspira por esta segura orientação é o homem da técnica, difuso e confundido pelos meios de comunicação de massa, impedido de encontrar a formulação segura senão voltando-se para refletir sobre a essência da Técnica.

⁴ Idem, 33.

⁵ Idem, Ibidem. As palavras entre colchetes são acréscimos nossos, assim como temos utilizado no decorrer do texto algumas palavras em letras maiúsculas, que na obra analisada assim não se apresentam.

⁶ Idem, Ibidem.

Hodge, em *Heidegger e a ética*⁷, afirma que a obra de Heidegger com a sua ênfase na predominância das relações técnicas, revela uma crise ética, uma vez que a utilização da metafísica nas relações técnicas transforma estas relações na substância ética da existência humana. A dispersão do homem no mundo da técnica, como o informa Heidegger, implica na retirada do Ser, restando como consequência que tanto a reflexão ética como a teoria moral tornam-se impossíveis. Porém, da retirada e do esquecimento do Ser emerge um paradoxo, pois no mesmo momento em que é afirmado a impossibilidade da reflexão ética e da teoria moral (Heidegger coloca os dois temas em planos diferentes) é revelada a urgência de uma revivência da reflexão ética. E como vem sendo objetivado neste escrito, com um destino único - o Ser. Como já foi informado no início, destacamos apenas dois aspectos da obra *Carta sobre o humanismo*: o anúncio da crise do Humanismo associada à derrocada da Metafísica; e o de um marco para a instauração de uma reflexão ética conduzida pelo "outro pensar", repetindo que sobre esta obra, obra delimitativa do pensamento heideggeriano, outras considerações podem ser feitas.

Tratar de qualquer tema num filósofo como Heidegger requer um olhar cuidadoso para alguns fatos que envolvem a sua vida e a sua obra, mesmo de forma sucinta lançaremos nossa visão, buscando encontrar uma unidade na totalidade da faceta que pretendemos apreender neste estudo. Não desvincularemos o homem da sua obra, por acreditarmos que estes dois formam uma totalidade homogênea, firmada numa relação unívoca. Consideraremos, também, se é viável ou se é inviável a idéia de uma razão prática após o ocaso da Metafísica.

É consensual dividir-se a obra heideggeriana em dois períodos: o do primeiro Heidegger, inaugurado em *Ser e tempo* (1927); e a do segundo Heidegger, no qual o pensamento inicial sofre uma inversão. O primeiro Heidegger marca uma reviravolta no mundo filosófico ao propor uma reformulação na colocação do problema do Ser. Este autor afirma que "poucos homens estão suficientemente

⁷ Joanna Hodge, *Heidegger e a ética*, Tradução de Gonçalo Couceiro Feio, Lisboa: Instituto Piaget, Coleção Pensamento e Filosofia, 1998.

preparados para distinguir um objeto de saber de uma coisa pensada⁸. Isto significa que o filósofo nada pôs de novo, ou que a filosofia heideggeriana não se apresentou como uma exigência de esquecimento de tudo que até então se tinha pensado. Mas, no nosso entendimento, esta filosofia configura-se como uma quebra, como inversão do pensamento tradicional. Nesta perspectiva, deve-se apontar no pensamento heideggeriano o anúncio do fim da Metafísica, ou, o que significa o mesmo, da Filosofia.

Rorty, autor que consideramos sensacional como analistas de Heidegger, aponta o Heidegger da *Carta sobre o humanismo*, juntamente com o Hegel da *Fenomenologia do espírito* e o Nietzsche da *Crepúsculo dos ídolos*, como paradigmas da teorização ironista⁹, autores que tem em comum a idéia de que há algo, a história, o homem ocidental, a metafísica (algo de suficientemente vasto para ter um destino) que esgotou as suas possibilidades. E, justamente por isso todas as coisas exigem serem feitas de novo. E a quebra com a tradição, ou, a inversão da trajetória do pensamento ocidental, e, o que consignou a este filosofar o lugar de um dos mais substanciais para o homem é a maneira como pôs os problemas: é o caminho que percorreu na retomada do pensamento original eclodido na Grécia do século VI a. C., com os filósofos pré-socráticos. Os gregos levaram-no a procurar inicialmente o Sentido do Ser que até então não tinha sido pensado com a devida radicalidade. Heidegger, por esta via, é levado a anunciar que a Questão do Ser caíra no esquecimento. Esta questão que havia inspirado as investigações de Platão e de Aristóteles, mas que extinguiu-se com eles, pelo menos como um tema explícito de uma verdadeira investigação¹⁰. Urge, então, a necessidade de retornar a Grécia, berço do pensamento ocidental, onde o Ser se revelou no seu esplendor original. Isto

⁸ M. Heidegger, *L'Experience de la pensée*, Q III, p. 23.

⁹ R. Rorty, no livro *Contingência, ironia e solidariedade*, pretende fazer justiça aos autores que considera pertencerem aos dois grupos em que se dividem os historicistas: os historicistas nos quais predomina o desejo de uma comunidade humana mais justa e livre, por exemplo, Dewey, Habermas, Mill e Rawls e, aqueles em que predomina o desejo de autocracia privada, por exemplo, Heidegger, Proust, Derrida, Nietzsche, Nabokov, Kierkegaard, Baudelaire, considerando que devemos lhes atribuir igual peso e que os usemos para diferentes fins. Richard Rorty, *Contingência, ironia e solidariedade*, Tradução de Nuno Ferreira da Fonseca, Lisboa: Editorial Presença, 1992.

¹⁰ M. Heidegger, *Ser e tempo*, Tradução de Márcia de Sá Calvacante, Parte I, 6ª Edição, Petrópolis: Editora Vozes, 1987.

compreende, como já dissemos, um rompimento com tudo o que até então se pensou, não significando, entretanto, desprezo ou negação do que se construiu no caminho já percorrido, mas, o iniciar de uma nova jornada, só que desta vez a escuta, sempre, do Ser. No proclamar de Heidegger, a Metafísica, sinónimo de filosofia, morreu, mas na sua ocultação (pois, em toda a sua história não se revelou) guardou o seu tesouro, restando, portanto, ao homem o desafio da sua descoberta. E aqui sentimos a leitura de Hegel, sentimos que este filósofo permitiu o filósofo Heidegger, assim como também o permitiu, em grande medida, Nietzsche.

No segundo Heidegger, o pensamento inicial sofre uma inversão: já não é mais o Ser que se procura discernir ou o Sentido do Ser, partindo da análise preliminar do fenómeno da Compreensão do Ser, mas, pensar o Ser ou a Verdade do Ser, virando-se para o próprio Ser. Porém, Heidegger alerta que “esta reviravolta não é uma modificação do ponto de vista de *Ser e tempo*; mas nesta reviravolta o pensar ousado alcançou a região dimensional a partir da qual *Ser e tempo* foi compreendido e, na verdade, compreendido a partir da experiência fundamental do Esquecimento do Ser”¹¹. Nestes termos, todo o pensamento heideggeriano busca seu fundamento nesta fonte e emerge daí a fundamentalidade da linguagem como reveladora do advento do Ser.

Hodge aponta que dois temas centrais no pensamento heideggeriano são: a destruição da tradição e a violência da interpretação. Rorty, situando-se na mesma linha de compreensão, afirma que Hegel, Nietzsche, Heidegger e Derrida - ironistas - são especialistas em distanciarem-se e em obter uma visão ampla daquilo a que Heidegger chamou a “tradição da metafísica ocidental, ou, o cânone Platão/Kant, e, por isso, o assunto da teoria ironista é a teoria metafísica”¹². E que, conseqüentemente, um dos efeitos da insistência de Heidegger em recuperar o Esquecimento do Ser na tradição filosófica é o de religar os presentes modos de pensamento aos contextos históricos de que emergiram. Porém, isto se operava através da sua insistência na realização da tradição ao mesmo tempo em que o pensamento de Heidegger também desempenha um papel

¹¹ M. Heidegger, *Carta sobre o humanismo*.

¹² R. Rorty, *op.*, cit.

no corte da filosofia e do pensamento desta mesma tradição da qual emergiram. E aqui deparamos com uma das habilidades maiores de Heidegger, fonte, pensamos, da sua originalidade: a forma de ler os textos da tradição, nos quais o respeito e fidelidade a intenção do autor são afastados por uma leitura violenta do texto a fim de revelar ocultos elementos de significado. E presente se faz esta forma de ler, objetivada por Heidegger, nos seus próprios escritos. E assim que vemos a leitura de Heidegger por ele mesmo, prova da afirmação é o segundo Heidegger, resultado de uma leitura violenta empreendida por ele próprio a si próprio.

Se a Metafísica desfaz-se na sua morte caem por terra todos os pilares da Modernidade, pois ela encerrou tudo o que o homem pensou ter construído e em cuja verdade acreditou. Se Deus morreu, como anunciou Nietzsche e; se nada pode garantir ao homem qualquer estabilidade; se a linguagem da metafísica conduz a errância, como elaborar uma Ética? ou, o que poderá oferecer a Filosofia nestes dias de indigência?

Respondendo às questões, Heidegger afirma categoricamente que “a Filosofia não pode provocar nenhuma alteração imediata do atual estado do mundo. Isto não é válido apenas em relação a Filosofia, mas também a todos os sentires e anseios meramente humanos. Já só um Deus nos pode ainda salvar. Como única possibilidade, resta-nos preparar pelo pensamento e pela poesia uma disposição para o aparecer do Deus ou para a ausência do Deus em declínio; preparar a possibilidade de que pereçamos diante do Deus ausente”.¹³ Esta atitude não comporta inércia nem apatia e, muito menos o ato desesperado de quem chegou ao fim e esgotou todas as possibilidades, entendemos que ela demonstra uma postura humilde para que se possa ouvir um novo chamamento: o Silêncio do Ser. Ela é uma postura de quem se dispõe a ouvir e a acatar este novo chamamento. Este silêncio absoluto que tudo poderá mover. Sem profecia, sem grandes pretensões, um renascer das cinzas, uma reemergência do caos, o canto do cisne, referido por Sócrates nos seus últimos momentos, anunciando a certeza e confiança no futuro que o aguardava. O “outro pensar” deve preocupar-se em como

¹³ Martin Heidegger, *Heidegger, Filosofia*, Publicação da Sociedade Portuguesa de Filosofia, Vol., III, nº 1 e 2, Outono, 89.

pensar a “técnica”, cujos sinais indicam que apenas começou a sua manifestação e que por isso, filósofo algum pode oferecer qualquer via a seguir.

Seguindo este reencontro do pensamento com o pensar deduz-se, também, que no campo da Reflexão Ética nenhuma regra obrigatória pode ser anunciada, pois se se pensar uma Ética numa era da Técnica é necessário pensar-se antes a essência da Técnica, ou, antes, a Verdade do Ser, somente manifestada na audição da Poesia.

Não podemos evitar em qualquer assunto, cujo tema central seja Heidegger, de nos reportarmos aos acontecimentos de 1933, visto que, tanto a obra quanto a vida deste filósofo estão envolvidos pelo período que marcou a sua passagem pelo reitorado da Universidade de Friburgo.

Durante muito tempo a resposta do filósofo às acusações e às perseguições à sua pessoa e a sua obra foram o silêncio e, ao mesmo tempo, por via indireta, a sua atividade docente, o que para nós foi salutar porque foi deste silêncio e desta resposta indireta que floresceu uma das mais extraordinárias reflexões filosóficas. A resposta indireta data do momento em que Heidegger abandonou o reitorado e dedicou-se exclusivamente ao “pensamento”. Surgem desta época inúmeras conferências, cursos, seminários, resultando uma produção grandiosa, tanto em sentido quantitativo quanto no que se refere a sua contribuição para o pensamento atual. A nosso ver, discutir o “caso Heidegger” não é tão relevante quanto compreender a sua obra, entretanto se isto apresenta-se como uma exigência, ou se é requerida a sua presença em pauta, para esclarecer ou tornar transparente o pensamento do homem-filósofo, não se pode olvidá-lo.

O “caso Heidegger” de tempos em tempos ressurgiu, mas sempre numa perspectiva ôntica, o que para o filósofo nada mais é do que um pretexto, visto que a razão determinante dessa polémica não é o fato do mesmo ter aceitado o reitorado, mas sim, a contestação pura e simples do seu pensamento. É, portanto, natural que de tempos em tempos a polémica contra ele se reacenda.¹⁴

¹⁴ M. Heidegger, *Filosofia*. P.S.P.F. Vol. III, nº 1 e 2, Outono, 89.

A obra *Introdução à filosofia* data de 1935, dois anos após a ascensão do Nazismo ao poder. Segundo Emanuel Carneiro Leão, “as análises do momento político-social da *Introdução* nos proporcionam penetrar o sentido profundamente ontológico, que empresta Heidegger a sua participação no movimento em seus primeiros anos”. Salienta este autor que as críticas feitas a Heidegger, muitas delas, separam numa diferença sem referência a doutrina e a vida, condenando a incoerência da vida e escoimando a doutrina. Em *Introdução* temos a oportunidade de penetrar no sentido ontológico da questão. E na entrevista concedida pelo filósofo a revista alemã *Wer Spiegel* de 23 de Setembro de 1976 e publicada no nº 23 do ano de 1996 é rompido diretamente o silêncio imposto pelo filósofo a questão. Pensamos, com relação a isto, que não é possível separar o homem da sua construção teórica, pois esta representa uma das maneiras pela qual ele se põe no mundo. Entretanto, não se pode, como sempre acontece, se deixar levar ora por uma ora por outra. É necessário buscar-se a justa medida entre o pensar e o agir, olhar com seriedade, honestidade, e imparcialidade, se pudermos conseguir. Torna-se indispensável penetrar e compreender o autor sem preconceitos, ouvi-lo naquilo que o distingue e, ao mesmo tempo, o liga a todos os outros pensadores que com ele pensam o mesmo. Na Filosofia não existe uma hierarquização do filosofar. Não existe um pensamento superior a outro e nem, também, um filósofo que possa falar em nome da totalidade, prescrevendo o agir ou determinando o rumo a seguir. Relembrando Hegel, dizemos que o homem haja o que houver é produto do seu tempo, e por isso, podemos dizer que Heidegger não nos diz que vivamos de qualquer maneira, sem nenhum princípio, mas que, sem dúvida, é conveniente poupar e garantir os laços estabelecidos, ainda que somente consigam manter a unidade do ser humano precariamente e apenas na situação de hoje. Mas que, todavia, esta indigência não desobriga o pensar de considerar aquilo que principalmente deve ser pensado e que permanece, enquanto ser, mais que todo ente, garantia e verdade. Neste tempo de indigência, este filósofo nos diz que o pensar não pode mais continuar a esquivar-se de pensar o Ser, quando este se manteve escondido em longo esquecimento e, ao mesmo tempo, se anuncia neste momento da história universal,

¹⁵ M. Heidegger, *Introdução à metafísica*.

através da comoção de todos os entes.¹⁶ Seguimos a opinião de Rorty na questão Heidegger e o nazismo: “sobre a questão genérica da relação entre o pensamento de Heidegger e o seu nazismo, não creio que haja muito a dizer, a não ser que aconteceu que um dos pensadores mais originais deste século foi uma personagem assaz desagradável...”¹⁷

Heidegger assegura que nestes tempos de indigência, onde tudo conduz a errância, a Ética se faz, sem sombra de dúvida ainda mais necessária. Ela urge, com tanto mais pressa por uma realização, quanto mais a perplexidade manifesta do homem e, não menos a oculta se exacerba para além de toda a medida. Entretanto, antes de qualquer prescrição, devemos nos ocupar em pensar como o pensar deve pensar a Verdade do Ser. Este é o desafio lançado por Heidegger, no campo da Ética.

Sugere-nos o único caminho a seguir ao reportar-se aos primeiros momentos da filosofia grega, dizendo que os pensadores desta época pensaram de forma lógica sem conhecerem a Lógica e que não foram imorais no pensar, mesmo desconhecendo a Moral. Portanto, não é a Ética circunscrita num padrão disciplinar ou num tratado, que garantirá ao pensamento não ser imoral. Exemplificando, durante um longo período da existência humana Homero e Hesíodo orientaram a vida prática dos gregos e após eles os poetas trágicos sem entretanto, serem as obras dos primeiros *Iliada* e *Odisseia* ou *Teogonia*; ou mais tarde, as tragédias de Sófocles, tratados de Ética. Com relação a esta precedência da Ética a qualquer tratado, pensamos que podemos seguir Hodge assumindo que é identificável “no pensamento de Heidegger uma espécie de articulação ética que ocorre antes de uma divisão entre a formação do indivíduo e a formação da identidade coletiva, anterior a qualquer divisão da Ética e da Metafísica, da Moral e da Filosofia Política”.¹⁸ E mais anterior ainda a qualquer elaboração de leis ou de modelos a seguir, culminando, por isso, na liberdade que tinham os gregos de ouvir os poetas ou de pautar a sua vida prática pelos trágicos.

¹⁶ M. Heidegger, *Carta sobre o humanismo*.

¹⁷ R. Rorty, op., cit.

¹⁸ Joanna Hodge, op., cit.

Entretanto, sentimo-nos atados e procuramos explicar-nos o motivo pelo qual não pode o filósofo ou qualquer outro estudioso prescrever as normas que devem ser seguidas por todos. E Heidegger auxilia-nos ao esclarecer que o bom, tanto como o mal se manifestam na clareira do ser. Poderíamos acreditar que a essência do mal consistiria na maldade do agir humano, todavia a essência do mal reside na ruindade do ódio. Assim sendo, o bom e o ódio, somente podem desdobrar o seu ser, no seio do ser, na medida em que o próprio é o que está em conflito. E aí se esconde a origem essencial do nadificar. O nadificador desdobra o seu ser no próprio ser, por isso, não podemos verificá-lo como algo ôntico no ente. E, também, jamais poderia advir do dizer-não. Entretanto, esta impossibilidade não leva a requisição de que seja o nadificar decidido a partir da reflexão subjetiva sobre o pensar, já fundado como subjetividade. Na verdade, Heidegger nos diz que o sim e o não já estão a escuta do ser e enquanto fazem parte do ser que escutam, jamais poderão propor aquilo a que eles mesmo pertencem. Desdobrando o nadificar no seu ser, jamais poderia desdobrá-lo no ser-aí do homem, na medida em que este ser-ai é pensado como a subjetividade do ego cogito. O ser-aí não nadifica, na medida em que o homem, como sujeito, realiza o ato de nadificação, no sentido da recusa; o ser aí nadifica, enquanto, como essência em que o homem ex-sistente, ele mesmo pertence a essência do ser. O ser nadifica - como ser. Sintetizando: o nadificar no ser é a essência do que Heidegger nomeia o nada. E por isso, porque pensa o ser, o pensar pensa o nada. É ainda por isso, que somente o ser garante ao salutar (salvo) o nascimento com honra, o impulso para a desgraça ao ódio.

Portanto, somente na medida em que o homem ex-sistindo na Verdade do Ser, a este pertence, poderá vir do próprio ser a adjudicação das ordens que se devem tornar lei e regra para o homem. Retomando a significação grega como fundamento, adjudicar significa $\nu\epsilon\mu\epsilon\tau\nu$. O $\nu\epsilon\mu\omicron\varsigma$ não é apenas lei, mas mais originariamente a adjudicação oculta na distinção do ser. Só esta é capaz de dispor o homem no seio do ser. Só tal disposição é capaz de sustentar e vincular. De outra maneira, toda a lei permanecerá apenas artifício da razão humana. E apresenta-se como mais original e importante do que qualquer fixação de regras a exigência de que o homem encontre o caminho para morar na Verdade do Ser.

Contrariando a reflexão ética oferecida por Heidegger, Soveral afirma que “São os homens concretos concretamente situados num contexto cultural, quem elabora as noções, e também quem lhes dá expressão no interior de uma linguagem que é, por sua vez, concreta e histórica, eliminando a idéia de que o conceito genérico de Ética seja determinado *a priori*”.¹⁹ À primeira vista, podemos acreditar que Soveral está defendendo a idéia da inexistência de uma ética universal e defendendo a idéia de que esta é a elaboração do homem historicamente situado, agente e paciente do contexto cultural que o produziu e o qual por sua vez é por ele produzido. Entretanto, esta idéia é frustrada no acompanhamento do pensamento do autor, pois ele abre ao homem um espaço imensurável, que é o espaço da universalidade, afirmando que o homem por ter-lhe acesso direto poderia elaborar uma teoria da ética completa e definitiva. Mas, como suspira o autor da idéia, isto só seria possível no campo incomensurável, infinito da utopia, pois o homem cercado e esmagado pela sua finitude e pela sua dispersão no seu dia-a-dia fica impedido absolutamente de aceder ao plano a-histórico e a-temporal, solicitado. Portanto, apesar deste desejo de uma ética completa e definitiva que permitiria, certamente, um sorriso sóbrio no autor, somos reenviados a nossa condição humana, para a nossa história, para o nosso contexto cultural e para a nossa linguagem, o que, na nossa compreensão, concederia um espaço não para uma ética, mas para éticas. Pensamos que poderíamos inferir também do pensamento heideggeriano esta conclusão. Sendo que para Heidegger, o ponto de partida seria a ontologia e para Soveral, a História da Ética é quem ofereceria a referida conclusão.

Em Heidegger, é contundente a necessidade de ouvir a Verdade do Ser, para que não caiamos na armadilha de criar leis que nada mais sejam do que artifícios da razão humana. Sacudir o homem, acordá-lo do sono que embaça-lhe a visão e confunde-o, dispersando-o no mundo da Técnica e fazer com que ele escute a Verdade do Ser e procure a sua morada, para poder, então, elaborar leis verdadeiras, é a contribuição heideggeriana para a reflexão ética atual.

Neiza Teixeira

¹⁹ Eduardo Abranches de Soveral, *Relações entre a ética e a sua história*, in *Ensaio sobre ética*, Estudos Gerais, Série Universitária, Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1993.

BIBLIOGRAFIA

- BOUTOT, Alain. *Introdução à filosofia de Heidegger*. Tradução de Francisco Gonçalves. Edição no 106066/S788, Biblioteca Universitária Publicações Europa-América, 1993.
- HEIDEGGER, Martin. *Carta sobre o humanismo*. Tradução Revista de Pinharanda Gomes, Prefácio de Doutor António José Brandão, Lisboa. Guimarães Editores, 1987.
- Introdução a metafísica*. Apresentação e tradução de Emmanuel Carneiro Leão. 3a. Ed. Rio de Janeiro. Tempo Brasileiro, 1987.
- Ser e tempo*, Parte I. Tradução de Márcia de Sá Cavalcante, 6ª ed., Petrópolis: Editora Vozes, 1997.
- Heidegger. Filosofia*. Publicação da Sociedade Portuguesa de Filosofia, Vol. .III, no 1 e 2, Outono' 1989.
- HODGE, Joanna, *Heidegger e a ética*, Tradução de Gonçalo Couceiro Feio, Coleção Pensamento e Filosofia, Lisboa: Instituto Piaget, 1998.
- Leão, Emmanuel Carneiro, *Introdução in Introdução à metafísica*. Apresentação e Tradução de Emmanuel Carneiro Leão, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 3ª edição, 1987.
- RESWEBER, Jean-Paul. *O pensamento de Martin Heidegger*. Tradução de João Agostinho A. Santos, Coimbra: Livraria Almedina, 1979.
- RORTY, Richard, *Contingência, ironia e solidariedade*, Tradução de Nuno Ferreira da Fonseca, Lisboa: Editorial Presença, 1992.
- SOVERAL, Eduardo Abranches de, *Relações entre a ética e a sua história*, in *Ensaios sobre ética*, Estudos Gerais, Série Universitária, Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1993.
- VATTIMO, Gianni. *O fim da modernidade (nihilismo e hermeneutica na cultura pós-moderna)*. Tradução de Maria de Fátima Boavida, Revisão científica de Luisa Costa Gomes, B. J. de Almeida Faria, Mário Jorge de Carvalho e Pedro Paixão, 1ª ed., Lisboa: Editorial Presença, LDA., 1987.